

Um outsider e a experiência da migração: reflexões sobre as representações a respeito do migrante no contexto ficcional da obra de Samuel Rawet

An outsider and the experience of migration: reflections on the representations of migrants in the fictional context of Samuel Rawet's work

Silvia Lima de Aquino*

Este artigo busca estabelecer uma reflexão acerca da representação sobre o migrante nos contos *O Profeta e Gringuinho* da obra *Contos do Imigrante* de Samuel Rawet. Para tanto, tomamos como referencial teórico trabalhos que se dedicaram a abordar os escritos deste autor, como os de Silva (2009), Brasil (s/d), Kirschbaum (2002), Chiarelli (2005), Engellaum (2006). E, a fim de problematizar a questão do migrante apresentada nos contos, nos fundamentamos na categoria de *identidade* e no debate sobre a migração. Observamos que o fato de Rawet ser um migrante e um *outsider* em relação à literatura dita canônica, de certa forma, interferiu na constituição dos seus personagens, sendo esta interferência capaz de colocar a possibilidade de utilização das representações que integram a obra ficcional para discutir aspectos relacionados à da migração.

This article aims at discussing the representation of migrants in O Profeta e Gringuinho, a short story in Contos do Imigrante by Samuel Rawet. Our theoretical references are based on studies concerning the publications on this author, among which Silva (2009), Brasil (n.d.) Kirschbaum (2002), Chiarelli (2005), Engellaum (2006). In addition, to discuss the issue on migrants presented in the short stories, our analysis was based on the category identity, and on the debate about migration. Thus, we observe that the fact of Rawet being a migrant, and an outsider in canonical literature has, somehow, interfered in the construction of his characters. Such interference is an element capable of introducing the possibility of using the representations that shape fictional works to discuss aspects related to the issue of migration.

Palavras-chave: Samuel Rawet. Migração. Identidade.

Key words: Samuel Rawet. Migration. Identity.

Introdução

Muitas são as discussões e as pesquisas a respeito das possibilidades que os estudos culturais trazem para que autores considerados “marginais” tornem-se protagonistas dos estudos literários (SILVA, 2009). Disso decorre não só o espaço aberto para tais autores, mas a oportunidade de analisar, também, por meio da obra literária dos mesmos, aspectos fundados na questão da alteridade. Assim, temas como sexualidade, gênero, migração,

* Doutoranda do programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade do CPDA/UFRJ. Mestre pelo programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade do CPDA/UFRJ. Especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Licenciada em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense.

violência, fome, desigualdades sociais, etc., assumem papel importante (HOLANDA, s.d.).¹

Assim, o objetivo deste artigo é o de analisar *a condição marginal* e alguns aspectos referentes à representação do migrante na ficção de Samuel Rawet. Cabe ressaltar que classificamos Rawet como um autor marginal tendo em vista a ampliação deste termo ocorrida nos anos 1990, cujo marco foi a publicação do romance de Paulo Lins em 1997, denominado *Cidade de Deus*. Neste momento, esta classificação passou a abarcar a produção literária que tivesse como origem setores menos privilegiados da sociedade e obras que questionam os limites apresentados na definição convencional da literatura e que, por isso, relativizam as noções de valor, regras, pressupostos e paradigmas que, até então, subsidiaram e legitimaram a literatura tradicional.

Neste sentido, tomaremos como objeto de estudo dois contos do referido autor que integram a obra *Contos do Imigrante* (1998) intitulados: *O Profeta* e *Gringuinho*. Nestes contos, além de abordar um cotidiano de contínuo estranhamento vivenciado pelos personagens – migrantes de origem judia – Rawet nos convida a realizar uma reflexão sobre o papel da memória (a respeito de sua terra) e da cultura (de seu povo) para estes sujeitos recém-chegados em outra sociedade (a brasileira).

Para discutir a obra de Rawet buscaremos subsídios em alguns trabalhos que se dedicaram a abordar os escritos deste autor, dentre os quais destacamos Silva (2009), Brasil (1998), Kirschbaum (2002), Chiarelli (2005) e Engellaum (2006). Consultaremos também *blogs* destinados a discutir o cenário literário brasileiro contemporâneo. Para subsidiar a discussão a respeito da questão do migrante presente na obra de Rawet, utilizaremos a categoria “identidade”, na medida em que acreditamos que esta, a partir do momento em que é tomada como algo múltiplo, diverso e em constante transformação, pode nos ajudar na reflexão a respeito da constituição do migrante enquanto tal, um sujeito que vivencia um contínuo processo de transição. Deste modo, apoiar-nos-emos nos trabalhos de Hall (1999; 2003), Castells (1999) e Touraine (2003).

Em um primeiro momento, pretendemos estabelecer uma breve reflexão sobre a literatura marginal, relacionando-a à trajetória de Rawet como migrante e escritor no Brasil. Ora, julgamos que conhecer um pouco mais do contexto em que o autor estava inserido enquanto escrevia pode nos auxiliar a entender a ossatura de sua obra, bem como as questões que nos textos tornam-se mais frequentes, a exemplo da questão do migrante presente na obra de Rawet.

Posteriormente, travaremos um debate sobre a questão da identidade e da migração. Por fim, analisaremos os contos *O Profeta* e *Gringuinho*, para abordar a possibilidade de, a partir da literatura, discutirmos temas como a migração e a experiência do outro, do estrangeiro, em que a língua, a memória e a cultura assumem papel fundamental.

¹ Heloísa Buarque de Hollanda é ensaísta, escritora, editora, crítica literária e professora titular de Teoria Crítica da Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Samuel Rawet: sua trajetória como autor marginal

Conseguir me situar na literatura brasileira, como temática, foi terrível (RAWET, 1970 apud CHIARELLI, 2005, p.47).

A literatura marginal

De acordo com o dicionário Aurélio (2004), o termo “marginal” refere-se àquele “*que vive fora do âmbito da sociedade ou da lei, como vagabundo, mendigo ou delinqüente.*” Portanto, nesta definição, o *indivíduo marginal* é considerado um *fora-da-lei*. Estar à margem significa, dessa forma, situar-se nas bordas, ou seja, fora do centro. Já para Igel (1997, p. 129 apud COELHO, 2008, p. 27):

(...) É marginal aquele que não está conforme com o sistema social do local onde vive ou que age contra suas leis, o marginal é o que está à beira de alguma coisa que lhe parece maior ou mais forte do que ele, desafiando-o na intenção de aderir ou integrar-se ao que essa coisa representa, por impedimentos de ordem pessoal ou coletiva (...).

Segundo Silva (2009)², na literatura brasileira, o termo *marginal* emergiu nos anos 1970, inicialmente para designar um movimento denominado Poesia Marginal. Este movimento despontou com maior força na cidade do Rio de Janeiro. Era composto por um grupo de escritores que, neste período – diante das sanções estabelecidas pela ditadura militar –, começou a publicar seus textos de forma alternativa, por meio da confecção de livretos artesanais com o auxílio de um mimeógrafo, distribuindo-os de maneira independente. Portanto, rompiam com o mercado editorial tradicional.³ Reis⁴ (2007, p. 1) acrescenta que:

Além dessa ruptura com o mercado editorial tradicional, que não conseguia abarcar essa produção, se é que ela queria ser por ele abarcada, os chamados marginais trouxeram também uma série de inovações estéticas, destacando-se principalmente o uso generalizado da linguagem oral predominantemente dentro do gênero da poesia. Isso fica claro em poemas que quase sempre prescindem de rimas ou métrica e que costumavam possuir

² Franciele Queiroz da Silva é pós-graduanda em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia e tem desenvolvido pesquisas sobre A Literatura Marginal (Periférica) no contexto contemporâneo. Além disso, compõe o corpo editorial da Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes - A MARgem.

³ Para Hollanda (1998), os anos 70 desestabilizaram as hierarquias no campo literário e de seus sistemas de valor.

⁴ Bruno Reis é um dos editores do Blog “Por mais leitura”: <http://pormaisleitura.blogspot.com/>.

temáticas extremamente próximas do cotidiano (REIS, 2007, p.1).

Neste sentido, Pereira (1981, p. 32) apud Silva (2009, p. 6) complementa a afirmação acima ao observar que:

As características principais dessa produção eram o tom irônico, a escolha pelo uso de uma linguagem coloquial, drogas e sexo como temáticas principais e a tematização do cotidiano carioca predominantemente de classe média.

Reis (2007) assevera que, apesar de os precursores da literatura marginal serem oriundos da classe média carioca e paulista, a partir da década de 1990, a abrangência do termo foi ampliada, sendo um marco a publicação do romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, no ano de 1997. Deste modo, na atualidade, o conceito de literatura marginal abarcaria também toda e qualquer produção literária que tivesse como origem os setores menos privilegiados da sociedade. Neste sentido, Silva (2009) acrescenta que, na literatura contemporânea, o termo marginal ainda é utilizado para delimitar um grupo de escritores. Todavia, estes não se restringem à poesia, mas integram uma conjuntura cultural mais vasta que envolve o romance, a prosa, a música e o cinema. Ademais, a autora cita uma observação de Glauco Mattoso⁵ (1998, p. 7) – pseudônimo de Pedro José Ferreira da Silva, ficcionista, ensaísta e articulista, que integrou, nos anos 1970, o grupo dos chamados “poetas marginais”, da resistência cultural à ditadura militar – quando em seu livro *O que é Poesia Marginal*, afirma que o termo marginal foi emprestado pelas ciências sociais e define aquele sujeito que vive entre duas culturas ou que, tendo-se libertado de uma cultura, não se integrou de todo a outra, ficando à margem das duas.

Assim, as obras e autores contemporâneos que recebem a denominação marginal correspondem aos que contrariam o cânone literário, concebem “*um novo estatuto da literatura*”⁶ e, por conseguinte, questionam os limites contidos na definição tradicional da mesma. Desta forma, estas obras relativizam as noções de valor, regras, pressupostos e paradigmas que, até então, subsidiaram e legitimaram a literatura tradicional (SILVA, 2009).

⁵ “Glauco Mattoso é poeta, ficcionista, ensaísta e articulista em diversas mídias. Pseudônimo de Pedro José Ferreira da Silva (paulistano de 1951), o nome artístico trocadilha com “glaucomatoso” (portador de glaucoma, doença congênita que lhe acarretou perda progressiva da visão, até a cegueira total em 1995), além de aludir a Gregório de Matos, de quem é herdeiro na sátira política e na crítica de costumes. Após graduar-se em biblioteconomia na USP em 1972 e ter cursado letras vernáculas (na USP, sem concluir), ainda nos anos 1970 participou, entre os chamados ‘poetas marginais’, da resistência cultural à ditadura militar, época em que, residindo temporariamente no Rio, editou o fanzine poético-panfletário ‘Jornal Dobrabril’ e começou a colaborar em diversos órgãos da imprensa alternativa, como ‘Lampião’ (tablóide gay) e ‘Pasquim’ (tablóide humorístico), além de periódicos literários como o ‘Suplemento da Tribuna’ e as revistas ‘Escrita’, ‘Inéditos’ e ‘Ficção’. Informações disponíveis em: <http://glaucomattoso.sites.uol.com.br/quem.htm>. Acesso: 18 ago. 2010.

⁶ JUSTINO (2007, p. 189).

Por isso, Luciano Barbosa Justino,⁷ professor do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba e coordenador do mestrado em Literatura e Interculturalidade nesta instituição, em artigo publicado em 2007, afirma que a literatura, tendo como mote a ascensão dos estudos culturais, tem sido pressionada a rever alguns de seus fundamentos. Para este autor, consequentemente, hoje “*os estudos literários no Brasil não podem dissociar-se do debate sobre a identidade nacional e sobre suas rupturas e novas configurações*” (JUSTINO, 2007, p. 191). Dentre estas novas configurações encontram-se “(...) *novas demandas de identidade não totalizadoras, de base étnica, de classe, sexualidade e região.*” (JUSTINO, 2007, p. 191-2).

Este autor assegura, ainda, que tamanha é a importância assumida pela literatura marginal no cenário do país, que se verifica que a expressão da literatura brasileira contemporânea não apresenta apenas um domínio, mas se situa em dois grandes eixos:

O primeiro aponta para o patrimônio da literatura depois de, no mínimo, dois séculos de dominância da escrita e do livro no ocidente, em que ela se transformou no “paradigma estético ideologicamente dominante” (JAMESON, 1996, p. 92), a expressão cultural de maior tradição no ocidente. O outro eixo diz respeito ao papel da literatura na própria sociedade enquanto discurso construtor de uma identidade coletiva e de sentidos de pertença (JUSTINO, 2007, p. 194).

Assim, o autor acrescenta que “*ao valor estético, põe em cena valores de natureza étnica, identitária, de emancipação. Uma tradição ‘poética’ é contraposta a uma tradição cotidiana em que a escrita assume todas as conotações da oralidade* (JUSTINO, 2007, p. 200-201).”

Diante disso, segundo Justino (2007), as formas literárias brasileiras reunidas sob o signo de literatura marginal colocam um desafio para o pensamento crítico. Dentre os autores marginais, aqueles considerados verdadeiros *outsiders* no contexto literário brasileiro situamos Samuel Rawet, sua obra *Contos do Imigrante* e também os personagens principais dos contos que serão aqui analisados: *Gringuinho* e *O Profeta*. E é em virtude desta posição de *outsider* que como destaca Stefania Chiarelli, professora de Literatura Brasileira do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e crítica literária, até hoje é complexo “(...) *forjar um lugar que acolha Samuel Rawet na literatura brasileira [s/d].*”⁸

Outsider é um conceito fundado pelo sociólogo alemão Norbert Elias, presente na sua obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Tal conceito aproxima-se muito do conceito de *marginalidade* utilizado para designar obras e escritores que contrariam o cânone literário. Destarte, segundo

⁷ Luciano Barbosa Justino é responsável por coordenar também o projeto *A literatura marginal e os novos estatutos da literatura brasileira contemporânea* na Universidade Estadual da Paraíba, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

⁸ http://www.pacc.ufpb.br/literatura/arquivo/polemica_ausencias_e_esquecimentos.php

este autor, na língua inglesa um *outsider* pode ser considerado um “*não membro de uma boa sociedade*”, portanto, aquele que está fora dela (ELIAS, 2007, p7).

Assim como para a literatura marginal temos como contraponto a literatura tradicional, para o termo *outsider* temos, como um polo oposto, a palavra *established*. Esta é usada no inglês para designar indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Sua identidade é constituída a partir de uma combinação de tradição, autoridade e influência e seu poder repousa no fato de serem modelos para os outros. Para Elias (2007, p. 7) os estabelecidos são considerados “*a minoria dos melhores*” nos mundos sociais mais diversos: os guardiões do bom gosto no campo das artes, da excelência científica, dos bons modos, etc. Consideramos que a ideia de “estabelecido” se aproxima muito daquilo que está por de trás da ideia de *cânone literário*.

Para entendermos por que chamar Samuel Rawet e sua obra de *outsiders*, de marginais no que se refere aos cânones do campo da literatura, torna-se essencial estabelecermos um sobrevoos, ainda que breve, acerca de sua trajetória, uma vez que, para estudiosos como Reis (2009, p.9), Rawet “*continua um caso mal resolvido na literatura brasileira.*”

Julgamos que observar o contexto social do qual o autor fez parte e que, indubitavelmente, refletiu na constituição de sua obra, considerada um divisor de águas no que se refere à estrutura do conto brasileiro, torna-se algo fundamental para compreendermos o lugar de sua produção literária (CHIARELLI, 2005; KIRSCHBAUM, 2002). Todavia, não queremos aqui exaltar esta condição como um indicador de qualidade para o mesmo. Trata-se apenas de situá-lo para melhor entender o porquê de o mesmo, apesar de portador de um estilo considerado responsável por uma quebra de paradigmas, ainda receber pouca atenção no campo literário, especialmente quando comparado àqueles considerados clássicos.

Aspectos da trajetória de Samuel Rawet

O autor é sempre personagem, dentro e fora de seus livros (RAWET, 1976).⁹

Meu maior conflito, e não sei se isso me enriquece ou empobrece, é pessoal e ligado à minha condição de judeu, ou de ex -judeu, que mandou judaísmo e ambiência judaica às favas (RAWET apud ENGELLAUM, 2006, p. 40) .

Em certos textos, como no prefácio da obra *Contos do Imigrante* elaborado por Assis Brasil (1998), escritor e crítico literário piauiense, ou em artigos como o intitulado

⁹ Depoimento / Samuel Rawet visto por Esdras do Nascimento. In: **Ficção – Histórias para o prazer da Leitura**. mar. 1976, n.º.3. Disponível em: http://www.dopropriobolso.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=591:samuel-rawet-o-solitario-caminhante-do-planalto&catid=45:obras-literarias&Itemid=56. Acesso: ago. 2010.

Os caça-fantasmas, do também escritor e crítico literário Nelson Oliveira¹⁰, a análise da trajetória de Rawet começa pela sua morte. Brasil (1998, p. 9) fala de como a morte de Guimarães Rosa repercutiu na mídia ocupando as capas de diversos periódicos e a compara com a repercussão da morte de Rawet, à qual foram dedicadas “*apenas algumas linhas na ‘vala-comum’ de um necrológio num canto de jornal.*” Oliveira [s/d] inicia seu texto, uma resenha crítica sobre a obra *Rapsódia a Samuel Rawet*, de Ezio Flavio Bazzo,¹¹ com o fragmento que lhe chamou a atenção no livro, por sua vez, extraído do jornal *Correio Brasiliense*, de 26 de agosto de 1984, que diz:

Engenheiro é encontrado morto. O engenheiro e escritor Samuel Rawet, de 56 anos, foi encontrado na noite de sexta-feira morto em sua residência, em Sobradinho, vítima de aneurisma cerebral. Segundo o laudo médico, Rawet já estava morto há quatro dias.

Ambos apresentam a morte deste autor para manifestar o descontentamento com o desdém dado à obra e à trajetória daquele considerado o instaurador de uma ruptura na estrutura tradicional do conto brasileiro (CHIARELLI, 2005). Consideram que este tratamento é fruto da posição de Rawet no cenário literário brasileiro à época de sua morte: um marginal, um transeunte errante da periferia daquilo que era considerado o padrão a ser seguido e, por isso, enquadrado na literatura menor¹² (CHIARELLI, 2005). Soma-se a isso o fato da sua vida, de acordo com Brasil (1998), não ter sido aquela que esperam os críticos, os leitores e a academia, de um escritor.

Segundo Saul Kirschbaum (2002), doutor em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo, Samuel Rawet nasceu na Polônia em 1929 e com sete anos migrou para o Brasil, país para o qual veio primeiro seu pai, para angariar condições para depois, como tantos outros judeus, trazer a família. Por isso, para ele, Rawet “(...) *pode ser considerado um resultado típico do movimento de diáspora judaica a partir do Leste Europeu, que teve início na segunda metade do século XIX* (KIRSCHBAUM, 2009, p. 1). Quando aqui chegou só falava *idish*, língua na qual se alfabetizara.¹³ Para este autor, neste momento, a infância de Rawet terminou e o seu exílio começou. Assim como Kirschbaum (2002), Brasil (1998, p. 10) observa que, ao migrar para o Brasil Rawet “(...) *sentia-se, como mesmo declarava e retratava em seus personagens, um vagabundo, um errante e, toda a sua obra ficcional e ensaística é uma procura de identidade.*” Rawet passou a infância no Rio de Janeiro e até a adolescência, juntamente com os irmãos, ajudava seu pai em uma profissão típica do migrante judeu,

¹⁰ <http://www.revista.agulha.nom.br/nelsonoliveira6.html>

¹¹ BAZZO, E.F. *Rapsódia a Samuel Rawet*. Brasília: Anti-Editor Publicadora, 1997.

¹² Ao empreender uma análise sobre a obra de Kafka, Deleuze e Guattari (1977) utilizam o termo “literatura menor” para classificá-la. Neste sentido, para estes autores, uma literatura menor não é aquela escrita em um idioma menor, mas sim uma literatura que uma minoria produz dentro de uma língua maior. Sua primeira característica é a de que nela o idioma é afetado por um forte coeficiente de desterritorialização. A segunda característica deste tipo de literatura é que ao contrário da “literatura maior” que, em geral, centra-se em problemas individuais, nela cada problema individual liga-se a um conteúdo político. Daí deriva a sua terceira característica, na literatura, menor tudo adquire um valor. Neste sentido o adjetivo “menor” classifica as condições revolucionárias de certas literaturas que se contrapõem à chamada maior, a estabelecida.

¹³ <http://museujudaicorj.blogspot.com/2008/10/samuel-rawet-de-menino-imigrante.html>

as vendas de porta em porta à prestação (BRASIL, 1998).

Residindo no Rio de Janeiro, Rawet aprendeu o português. No circuito literário, ingressou no ano de 1950, publicando crônicas, críticas teatrais, editoriais e contos na revista *O Espelho*, do Grêmio Cultural e Recreativo Stefan Zweig, que funcionava no Centro Israelita dos Subúrbios da Leopoldina, no Rio.¹⁴ Formou-se em engenharia civil pela Escola de Engenharia, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1956, publicou o seu primeiro livro *Contos do Imigrante*, que para Brasil (1998, p. 14):

(...) Ficou como um marco em nossa literatura de ficção nova, o ponto convergente de um novo conto brasileiro, ultrapassadas as barreiras prolongadas do Modernismo, quando o ‘modelo’ da história curta entre nós tinha de passar por Machado de Assis. Rawet eleva o conto à categoria estética, dando-lhe inteira autonomia em relação às narrativas mais longas, como a novela e o romance.

Segundo Chiarelli (2005, p. 57) dentre as obras de Rawet:

Além de *Contos do Imigrante* (1956), destaque(m)-se os contos de *Diálogo* (1963), *Os sete sonhos* (1967), *O terreno de uma polegada quadrada* (1969) e *Que os mortos enterrem seus mortos*, de 1981. O autor publicou os ensaios *Consciência e valor* (1969), *Homossexualismo: sexualidade e valor* e *Alienação e realidade* (ambos de 1970), *Eu-Tu-Ele* (1971) e *Angústia conhecimento: ética e valor* (1978). Rawet escreveu também a novela *Abama* (1964) e a narrativa *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado* (1970).

Em 1963, Rawet migrou para o local que iria ser o futuro Distrito Federal. Lá foi trabalhar com Joaquim Cardozo, calculista e também poeta e com Oscar Niemeyer, na construção de Brasília. Ao mesmo tempo em que exercia a profissão de engenheiro, Rawet continuava se dedicando a escrever contos, novelas, ensaios e peças teatrais.¹⁵ Em 1964, o autor voltou a residir no Rio de Janeiro para trabalhar como engenheiro civil do *Departamento Nacional de Estradas de Rodagem - DNER* e, dez anos depois, retornou a Brasília, ainda a trabalho. Segundo Brasil (1998), em um momento que, como observa Chiarelli (2005, p. 57), era dominado pelos “(...) altos e baixos valores na cotação do sistema literário”, Rawet vendeu um imóvel para custear a publicação de seus livros, alguns que ele mesmo se encarregou de distribuir.

Em 1977, por meio da publicação do ensaio intitulado *Kafka e a mineralidade judaica ou a tonga da mironga do kabuletê*, Samuel Rawet rompeu publicamente com a

¹⁴ Idem à nota anterior.

¹⁵ http://www.bestiario.com.br/11_arquivos/scliar.html

comunidade judaica, atitude causadora de grande polêmica.¹⁶ Em Brasília Rawet viveu até 1984, ano em que foi encontrado morto, sozinho em sua casa em Sobradinho, cidade-satélite da capital federal. Para Chiarelli [s/d, s/p]¹⁷:

A tantas vezes citada misantropia do autor, somada ao rompimento com a comunidade judaica e a própria família, o fato de ser estrangeiro, homossexual, excêntrico, foram elementos que ajudaram a construir a aura maldita de Rawet, onipresente nos meios de comunicação que insistem em reprisar tal imagem.

Foram então estas adjetivações, aliadas a uma escrita que rompeu com o paradigma da estrutura do conto até então estabelecida, que fizeram de Samuel Rawet um *outsider*, um autor marginal. Neste sentido, para diversos autores como Chiarelli (2005), Kirschbaum (2002), Engellaum (2006) é patente na obra de Rawet a expressão de sua condição de marginal no circuito literário, bem como de migrante. Tal expressão se estende em seus personagens. Assim, Pérola Engellaum, doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em sua tese observa que:

A arte que produz Samuel Rawet, movido pela necessidade, e a maneira como deixa que os inúmeros “outros” que o habitam surjam nas narrativas são frutos de um homem infeliz, que não crê na felicidade como um estado possível aos seres humanos. Os “outros” revelam-se nos textos como diferentes vozes que dizem a mesma mensagem: o autor e todos os homens são, serão sempre *outsiders*, o sentimento de pertença é utópico (ENGELLAUM, 2006, p. 37-38).

Deste modo, ainda segundo esta autora, ao produzir suas obras Rawet descreve a condição daqueles considerados diferentes em seu sentido *lato*, por isso escreve não obedecendo ao sentido tradicional da estética literária. Sua ficção busca dar voz aos estrangeiros, aos seres marginalizados. Assim, “*sua obra é duplamente estranha e inquietante porque o autor conheceu o ‘lado de lá’, esteve nas profundezas que desconhecemos* (ENGELLAUM, 2006, p. 38).”

Identidade em xeque: aporte para discutir a condição de migrante nos contos de Rawet

Ao destacar em sua obra as vozes dos sujeitos ditos marginais, dentre eles o migrante, Rawet abre espaço para que, por meio da literatura, possamos observar as representações construídas em torno da migração, ao mesmo tempo em que nos permite

¹⁶ <http://museujudaicorj.blogspot.com/2009/11/oitenta-anos-de-samuel-rawet.html>

¹⁷ http://www.pacc.ufjf.br/literatura/arquivo/polemica_ausencias_e_esquecimentos.php

discutir a questão do pertencimento, da condição de transição e, principalmente, das identidades que emergem em virtude dos processos migratórios. Identidades estas que não são constituídas apenas quando o indivíduo emigra de sua terra, mas que emergem durante todo o processo de estranhamento, ingresso e permanência no lugar a que chega. Assim, a partir dos textos que compõem a obra *Contos do Imigrante*, Rawet nos possibilita observar o migrante como um sujeito em uma condição de permanente transição, o que se torna o mote para que entendamos a categoria *identidade* como um conceito múltiplo, móvel e variável.

Deste modo, Chiarelli (2005, p. 21) observa que a discussão que compreende o migrante e a conformação de identidades que está por trás dos contos de Rawet se, por um lado “(...) é capaz de articular a diferença como estigma, portadora de preconceitos e intolerância, por outro se revela lugar estratégico para a enunciação de questões humanas que dizem respeito a indivíduos de qualquer parte.

Torna-se importante, pois, estabelecermos aqui uma discussão sobre as principais definições para o conceito de identidade. Isto nos ajudará, posteriormente, a refletir e relacionar esta questão com a condição do migrante expressas na obra de Rawet. Assim, ao buscarmos definições para a categoria identidade no âmbito das Ciências Sociais – campo de estudo que conta com diversos autores que trabalham de forma qualitativa esse conceito – deparamo-nos com a análise empreendida por Max Weber (1994) acerca do que denominou identidade étnica. Este conceito pode nos fornecer indicações iniciais para pensarmos a temática identidade.

Deste modo, o ponto principal da teoria weberiana que pode contribuir para a análise da categoria identidade encontra-se na relevância dada pelo autor à ideia do pertencimento subjetivamente direcionado a um grupo. Este pertencimento poderia ocorrer de modo temporário ou permanente, o que conformaria um “sentimento de vida em comum” e culminaria no estabelecimento de identidades. A ideia de coletividade e dos processos capazes de promover a criação de comunidades de intercâmbio social adquire, então, papel central para a emergência de identidades. Assim, de acordo com Weber (1994), é de fundamental importância neste contexto o compartilhamento de valores e costumes, na medida em que qualquer comunidade seja ela doméstica, de vizinhos, política ou religiosa é, em regra, portadora de costumes em comum.

Vários autores contemporâneos têm-se debruçado sobre a questão da identidade e, como Weber, destacado a relevância dos costumes e aspectos culturais para a construção deste fator, em que merecem destaque as reflexões de Stuart Hall (1999), teórico cultural jamaicano que trabalha no Reino Unido, tendo sido professor de sociologia da Open University de 1979 a 1997 (HALL, 1999).

Para este autor, identidade é um processo definido historicamente e que se modifica de acordo com o contexto. Portanto, trata-se de algo que é formado e transformado de maneira contínua em relação às representações culturais que nos rodeiam. Neste sentido, segundo este autor, na conformação da identidade há uma troca entre o que está dentro

e o que está fora, entre o mundo pessoal e o mundo público, ou seja, assimilamos os valores culturais do ambiente em que vivemos ao mesmo tempo em que projetamos a nós próprios no ambiente em que vivemos:

A identidade preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós” -, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 1999, p.10).

Diante das transformações empreendidas pelo processo de Globalização, Hall (1999) defende que atualmente a identidade caracteriza-se pela constante mudança, rompimento ou “deslocamentos”. O resultado é um complexo jogo de “pluralização” de identidades que se cruzam mutuamente. Assim, a identidade tornou-se móvel, múltipla, pessoal, auto-reflexiva e sujeita a mudanças, o que faz dela um processo inacabado, sempre em construção e repleto de tensões. Ademais, ao definir identidade Hall (1999) apresenta a evolução de tal conceito sob a ótica da mudança de concepção de sujeito ao longo da história. Desta forma, analisou e descreveu uma concepção de sujeito do iluminismo, passando para a concepção de sujeito sociológico, até atingir o que alguns teóricos definem como o sujeito pós-moderno.

Segundo o autor, no período iluminista prevalecia a concepção de um sujeito centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, portanto, extremamente consciente da sua identidade. Posteriormente, temos a ideia de um sujeito sociológico, reflexo da crescente complexidade do mundo moderno. Nesta concepção, a individualização dá lugar à interação, uma vez que passou a se considerar a importância da influência mútua entre indivíduo e a sociedade na conformação dos valores, sentidos e símbolos. O que demonstrou que o sujeito não é autônomo, tampouco auto-suficiente. Portanto, de acordo com esta visão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. Finalmente, com a globalização ocorre uma mudança estrutural que fragmenta e desloca as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Assim, para este autor, se antes estas identidades se tratavam de localizações concretas, nas quais os indivíduos se acomodavam socialmente, hoje, em alguns casos, elas podem apresentar fronteiras menos definidas que, por conseguinte, geram em muitos indivíduos uma crise de identidade, que pode resultar em um sujeito pós-moderno (HALL, 1990, p. 10).

Numa linha de pensamento semelhante, o sociólogo espanhol Manuel Castells (2000) ressalta também a influência dos fatores culturais na construção de identidades

e a conceitua como fonte de significados e experiências de um povo, fundamentada em atributos culturais que prevalecem sobre outras fontes. No entanto, de acordo com o autor, não se deve confundi-la com papeis, pois estes definem funções enquanto identidades organizam significados. Deste modo, a construção de identidades depende da matéria-prima procedente da cultura obtida, processada e reorganizada de acordo com a sociedade. Assim como Castells, Hall (2003) defende que identidade não se constitui por si só em uma essência, mas sim, gera elementos potencializadores aos indivíduos que as incorporam, cujo resultado poderá ser a criação de vínculos de pertencimento cultural.

Ao abordar o conceito de *identidade*, Castells (2000, p. 24) estabelece três formas e origens de construção da mesma:

- Identidade legitimadora, introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais.
- Identidade de resistência, criada por atores que se encontram em posições desvalorizadas e estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade.
- Identidade de projeto, que consiste na busca da conquista de uma nova identidade por meio de aparatos culturais, cujo objetivo é o de promover uma redefinição das posições na sociedade.

Alain Touraine (1998) – professor agregado de História na *École Normale Supérieure*, sociólogo, doutor em Letras e conhecido por seus estudos acerca da questão dos movimentos sociais – ao analisar o conceito de identidade ressalta que, durante muito tempo, o mesmo foi definido a partir da correspondência entre a posição ocupada pelo sujeito em um sistema social e em um conjunto de comportamentos. Entretanto, segundo o autor, esta correspondência desaparece devido ao fato de as instituições sociais serem atravessadas por alterações importantes, como a introdução de mercados globalizados e as redes (*networks*). Cabe ressaltar, porém, que isto não implica o desaparecimento dos atores, mas sim, em sua transformação profunda:

Enquanto durante dois séculos as idéias dominantes buscaram nos convencer que éramos seres sociais, e às vezes até que éramos agentes econômicos racionais, descobrimos que aquilo que se chamava sociedade se desinstitucionaliza, é transbordada ou atravessada por redes (*networks*) e por mercados e que paralelamente o ator descobre sua individualidade através de suas pulsões, de suas relações parentais e de seus mecanismos de identificação. Entre este universo globalizado e esta experiência privada, a definição social das instituições e das ações esvazia-se em seu conteúdo (TOURAINÉ, 1998, p.129).

Touraine (1998) destaca ainda que, diante destas alterações, a reconstrução do que se poderia chamar de identidade social não se faz a partir da identificação de uma ordem global, econômica, religiosa ou natural, mas pelo reconhecimento da dissociação dos elementos que outrora formavam uma experiência integrada:

Não é pela identificação a uma ordem do mundo, a um grupo social, a uma tradição cultural ou mesmo a própria individualidade que se constitui a identidade. Esta, ao contrário, se forma por desidentificação, por uma volta a si, da qual eu disse noutro lugar que a noção freudiana de narcisismo secundário podia ser uma das expressões. (TOURAINÉ, 1998, p. 130).

Sendo assim, é possível constatar que a definição de identidade preconizada pelos autores aludidos apresenta pontos em comum. Para todos os autores, a identidade não é algo dado, estático, mas se fixa como uma construção social estabelecida por meio da influência de aspectos culturais. Consequentemente, ao considerar a relevância dos aspectos culturais Hall (1999; 2003), Castells (1999) e Touraine (2003) ressaltam a influência da Globalização na constituição da identidade, uma vez que tal processo traz para o campo das relações sociais profundas mudanças que, por sua vez, repercutem diretamente na introdução de novos costumes e valores, dentre os quais se encontram os processos migratórios.

A migração e o escritor migrante

De acordo com Cristina Matos (1993), professora do Centro de Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações, pertencente ao Instituto Superior de Economia e Gestão Universidade Técnica de Lisboa, ao buscarmos definições para o termo *migração* constatamos que a etimologia desta palavra origina-se do latim *migrare*, que significa deslocar-se de um lugar para outro. Apesar de possuir um significado inicialmente simples para todos que dominam a Língua Portuguesa, se deixarmos a esfera linguística e tomarmos tal denominação sob o plano empírico deparamo-nos com a complexidade que este termo assume (AQUINO, 2008).

Assim, de acordo com o demógrafo e professor da Universidade Estadual de Campinas, José Marcos Pinto Cunha (2005, p.4), “*tratando-se de um fenômeno com múltiplas expressões espaciais e temporais, a migração não possui uma única definição – fato que dificulta qualquer tentativa de sistematização e levantamento de dados e estimativas*”, pois, ao mesmo tempo em que um fluxo migratório apresenta características universais e estruturalmente similares a outros fluxos, ele desenvolve, histórica e socialmente, sua singularidade, já que cada deslocamento é permeado por um conjunto de relações políticas, culturais, econômicas e sociais e, portanto, pode ser observado sob diferentes aspectos (DAVIS 1989 apud FAZITO 2005).

Neste sentido, Olga Becker (2003), professora de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, adiciona que as migrações geram modificações nas relações entre os indivíduos, nas relações de trabalho e produção e entre estas e seu ambiente físico. Desse modo, se compreendermos as migrações como um processo enredado por uma série de arranjos – o que significa que envolve deslocamentos de indivíduos não apenas entre fronteiras geográficas, mas também entre as fronteiras políticas, culturais, linguísticas etc. – constataremos que tais fenômenos pressupõem uma ampla gama de significados, tanto para os que partem quanto para os que ficam, bem como para os locais de origem e chegada do grupo ou indivíduo migrante (EVELYN, 1988).¹⁸

Observamos, assim, que tamanha é a abrangência e repercussão da migração para aquele indivíduo que migra que esta é capaz de interferir na construção de sua conformação enquanto sujeito e, por conseguinte, na construção e reconstrução de suas identidades. Assim, segundo Shirley Carreira, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, não é de se estranhar que a condição de migrante possa influenciar a construção do trabalho de um autor no campo da literatura e, portanto, estar expressa na maneira como é construída a obra, bem como nos temas que são privilegiados, deixando transparecer a presença da experiência da migração na definição identitária das personagens criadas pelo autor. Isso permite que o mesmo se manifeste enquanto indivíduo em sua obra (CARREIRA, 2005).

Em linha de pensamento semelhante à de Carreira (2005), Renato Venancio Henrique de Sousa – professor de Literatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – em seu artigo publicado em 2004, intitulado *A escrita migrante de Sérgio Kokis*¹⁹, ao utilizar o termo *escrita migrante* para se referir à produção de autores estrangeiros radicados na província francófona de Quebec, no Canadá e que utilizam o francês em suas obras, realiza uma reflexão sobre o significado dos textos produzidos por autores migrantes. Neste sentido afirma que:

Os textos da escrita migrante são marcados pela experiência do exílio, pelo desejo de narrar o itinerário de perdas e danos que levaram esses homens e mulheres a deixar para trás sua terra natal, sua língua, sua cultura, enfim sua história, que renasce como ficção, freqüentemente de caráter autobiográfico, pelo viés da escrita migrante. Literatura sem fronteiras, urdida à margem, na interseção dos discursos de formação da literatura dita nacional (SOUZA, 2004, p. 20).

Assim, Carreira (2005, s/p) define literatura de migração como “(...) a produção literária de escritores que, passando pela experiência de viver em um ou mais países que não a sua terra natal, transferem para a sua obra as inquietações do diálogo entre culturas.” E defende que se a experiência de migração vivenciada pelo autor “(...) se reporta a uma

¹⁸ Suzanna Sochaczewski Evelyn é doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e coordenadora de projetos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE)

¹⁹ Sérgio Kokis é um escritor brasileiro de língua francesa radicado no Canadá.

dialética entre a identidade nacional e a apropriação (seguida de transformação) da cultura do diverso, ou do “Outro”, é natural que a tensão entre “mundos” esteja presente em sua obra.”

Levando em consideração o debate sobre a construção de identidades, bem como o papel da experiência de migração na constituição do indivíduo enquanto tal e de seu trabalho, selecionamos dois contos de Samuel Rawet para que, ao analisá-los, possamos evidenciar tais aspectos.

“O Profeta” e “Gringuinho”: a representação do imigrante no contexto ficcional

Ao apito surdo teve consciência plena da solidão em que mergulhava. O retorno, única saída que encontrara, afigurava-se-lhe vazio e inseqüente (RAWET, 1998, p. 23).

Não se habita impunemente um outro país (...) (SAYAD, 2000, p. 14).

Contos do Imigrante é a obra de estreia de Samuel Rawet, publicada pela primeira vez em 1956, pela editora Ediouro. É composta por dez contos cujos enredos são permeados por questões relacionadas à experiência de migração. Desta experiência emergem aspectos como estranhamento, incomunicabilidade, nostalgia, desejo de retorno e melancolia, situações e sentimentos vivenciados rotineiramente por imigrantes judeus, personagens dos contos que, dada esta condição, são apresentados como sujeitos situados à margem da sociedade (CHIARELLI, 2005).

Nesta seção, a partir da análise dos contos “O Profeta” e “Gringuinho” pretendemos destacar aspectos que nos permitem refletir sobre as relações que permeiam os processos migratórios. Além de demonstrar como outros campos do conhecimento, como a sociologia, antropologia, geografia, etc., podem valer-se das representações literárias presentes no universo ficcional para pensar e problematizar estes processos. Para tanto, nos apoiaremos nos debates travados anteriormente, como, por exemplo, as questões da identidade e da migração e recorreremos, também, às observações de Abdelmalek Sayad (2000), sociólogo argelino radicado na França que tendo estudado a imigração argelina para a França é autor do livro *Os filhos ilegítimos: a imigração ou os paradoxos da alteridade*, publicado em 1998 no Brasil.

No conto *O Profeta*, Rawet nos apresenta a história de um judeu sobrevivente de um campo de concentração que, para fugir da perseguição sofrida e das lembranças advindas da Segunda Guerra Mundial, migra para o Brasil para morar junto de seu irmão e familiares. No conto, o autor intercala a fala de um narrador com diálogos travados entre os personagens e de início apresenta os dilemas vivenciados por este sujeito ao deixar a sua terra:

A idéia que se fora agigantando nos últimos tempos e que culminara com a sua presença no convés, tinha receio de vê-la esboroada no instante de dúvida. O medo da solidão aterrava-o mais pela experiência adquirida no contato diário com a morte. Em tempo ainda. (RAWET, 1998, p. 23-24).

Neste sentido, demonstra os conflitos vivenciados pelo indivíduo que, ao deixar seu povo, sua terra, sua casa, para ingressar em um novo mundo, ainda que intermediado por seus parentes que lá estão, teme por não mais poder compartilhar no lugar de destino aquele sentimento de vida em comum, abordado por Weber (1994) ao trabalhar o conceito de identidade. Ora, ao migrar o personagem deixou a sua comunidade de intercâmbio social, onde experiências eram divididas. Assim, para Sayad (2000, p. 11), o migrante percebe que “(...) *mudar de espaço, deslocar-se no espaço, que é sempre um espaço qualificado – é descobrir e aprender simultaneamente que o espaço é por definição um espaço nostálgico (...) isto é, carregado de afetividade*”.

É claro que, como observa Hall (1990), a identidade é algo fluido, que se modifica, reconstrói-se a todo momento, entretanto, essas alterações não são desprovidas de conflitos tanto internos (do migrante consigo mesmo), quanto externos (do migrante com os outros sujeitos com os quais entrará em contato ao chegar).

Assim, tendo em vista as observações de Castells (2000), inferimos que o indivíduo migrante, a exemplo do velho judeu apresentado no conto, confrontará aquelas experiências construídas com base nos atributos culturais de seu povo com as encontradas no local de destino. Deste modo, acreditamos que podemos utilizar a passagem do conto apresentada acima para refletirmos a respeito de como a Globalização é capaz de promover movimentos diaspóricos, sendo um dos resultados o deslocamento de identidades vinculadas à etnia e à cultura, o que não ocorre sem conflitos (HALL, 1990).

O conto segue com a primeira dificuldade observada por este migrante judeu ainda no navio, quando percebe que mais que deixar seu grupo encontrará ao chegar ao Brasil uma barreira comunicativa, já que não domina a língua portuguesa:

A figura gorda da mulher ao seu lado girou ao ouvir ou ao julgar ouvir, as palavras do velho.

- O senhor falou comigo?

Inútil. A barreira da língua, sabia-o, não lhe permitiria mais nada. O rosto da mulher desfigurou-se com a negativa e os olhos de súplica do velho. Com exceções, o recurso mesmo seria a mímica e isso lhe acentuaria a infantilidade que o dominava. Só então percebeu que murmurara a frase, e envergonhado fechou os olhos (RAWET, 1998, p. 24).

A partir deste fragmento do conto observamos que a migração envolve – como anteriormente mencionamos – deslocamentos não apenas entre as fronteiras espaciais, concretas, mas também entre fronteiras linguísticas. Cabe ressaltar que aqui percebemos

como a condição de imigrante de Rawet insurge na descrição do conto, já que, como vimos em sua trajetória, o mesmo chegou ao Brasil sem saber o Português. Por isso, em um de seus depoimentos colocou as dificuldades que encontrou para familiarizar-se e escrever e produzir literatura por meio de uma língua que “não era a sua” e que aqui teve que aprender. Assim, o próprio Rawet em entrevista concedida a Flávio Moreira da Costa em 1969, declarou: “*Aprendi português nas ruas, apanhando e falando errado e acho essa a melhor pedagogia.*”²⁰

O conto segue com a trajetória do velho judeu que, ao aportar, foi recebido por seus familiares:

Aturdido mirava o grupo que ia abraçando e beijando, grupo estranho (mesmo o irmão e os primos, não fossem as fotografias remetidas antes ser-lhe-iam estranhos, também) e as lágrimas que então rolaram não eram de ternura, mas gratidão. Os mais velhos conhecera-os quando crianças. O próprio irmão havia trinta anos era pouco mais que um adolescente. Aqui se casara, tivera filhos e filhas e casara a filha também (RAWET, 1998, p. 24).

Temos aqui mais uma representação acerca do universo da migração. Nele percebemos que o migrante não se faz sozinho. Neste sentido, Klass Woortman (1990), professor titular aposentado do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, assevera que é preciso tomar a migração como parte das próprias estratégias de reprodução da família. Muitas vezes, esta estratégia em vez de desatar os laços familiares, na verdade, torna-se uma das possibilidades de garanti-los. Deste modo, para este autor, a “*migração não representa um rompimento radical entre os que saem e os que ficam*” (WOORTMAN, 1990, p. 51). Há, frequentemente, um parente, um vizinho, um conhecido que “vem primeiro”, assim como ocorreu na trajetória de Rawet, cujo pai primeiro chegou ao Brasil, para depois angariar condições de trazer os filhos e a família.

No conto, o velho judeu ao entrar no carro para ser conduzido ao seu novo lar é bombardeado por indagações dos seus parentes, principalmente, a respeito dos horrores experimentados nos campos de concentração, no entanto ele hesitava em respondê-las:

Às perguntas em assalto respondia com gestos, meias-palavras, ou então, com o silêncio. (...) O que lhe ia por dentro seria impossível transmitir no contato superficial que iniciava agora. Deduziu que seus silêncios eram constrangedores. Os silêncios que se sucediam ao questionário sobre si mesmo, sobre o que de mais terrível experimentara. Esquecer o acontecido, nunca. Mas como amesquinhá-lo, tirar-lhe a essência do horror ante uma mesa bem posta, ou um chá tomado entre finas almofadas e macias poltronas? (RAWET, 1998, p. 24-25).

²⁰ http://www.bestiario.com.br/11_arquivos/rawet.html

Tendo em vista o trecho acima, mais uma vez poderíamos inferir que estes silêncios advinham das dificuldades da língua, já que o velho judeu falava apenas o *idish*. Todavia, nesta passagem a justificativa dos silêncios e gestos não repousava apenas na barreira linguística, mas era fruto da impossibilidade de resumir em palavras todo horror que sofreu durante a Segunda Guerra.

Estranhamento é um dos primeiros sentimentos provocados pela presença do imigrante no local de sua chegada. No conto era este sentimento que o velho judeu – um senhor magro, de barba branca, trajado num capote até os joelhos – causava aos seus parentes. Dada a sua aparência recebeu do genro de seu irmão o apelido de “o profeta”. Neste sentido, para Sayad (2000, p. 11):

Deslocado no sentido próprio do termo, no sentido do deslocamento no espaço, o imigrante é também deslocado de uma maneira diferente desse primeiro sentido: a presença do imigrante, presença imprópria, é deslocada no sentido em que se diz que uma palavra está deslocada.

É essa presença imprópria, deslocada, que o velho judeu representa no conto. Talvez a insistência em usar o capote e manter aquela aparência que aos demais era estranha fosse uma maneira deste, na condição de estigmatizado, numa posição de *outsider*, de deslocado, construir uma identidade de resistência, como a observada por Castells (2000), fundamentando-se em princípios divergentes daqueles vigentes na sociedade em que se inseriu por meio da imigração. Esta atitude pode ser interpretada também, de acordo com Sayad (2000, p. 14), como uma forma de “*demonstrar, em primeiro lugar a seus próximos (...) que a infeliz separação à qual se é desta maneira constrangido, não é desejada, nem escolhida com toda a liberdade (...) mas é lhe imposta. Dá a necessidade de lhe conferir um alibi (...).*”

Ao mesmo tempo em que fazia uso dessa espécie de resistência, a identidade do velho judeu já não era a mesma de quando vivia em seu país. Haja vista que, como afirma Hall (1990), esta é também construída e reconstruída constantemente por meio das experiências dos sujeitos ao longo de suas trajetórias. Assim, os horrores vivenciados na Segunda Guerra Mundial atrelados à experiência do exílio em outro país, já faziam parte das experiências que construíam para o velho judeu outra identidade:

A guerra o despojara de todas as ilusões anteriores e afirmara-lhe a precariedade do que antes era sólido. Só ficara intacta sua fé em Deus e na religião, tão arraigada, que, mesmo nos transe mais amargos, não conseguira expulsar. (Já o tentara, reconhecia, em vão.) Nem bem se passara um ano e tinha à sua frente numa monótona repetição o que julgava terminado (RAWET, 1998, p. 27).

Então, como afirma Sayad (2000, p. 14):

(...) não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares. (...) A mudança resultante da ruptura constitutiva da emigração (...) não consiste somente no envelhecimento físico (...) mas ela é também de ordem social (...).

No conto, com o passar do tempo, acentuava-se para o velho judeu o abismo que o separava de seus familiares, pois, como postula Sayad (1998), o imigrante será sempre um estrangeiro. Assim, o desejo de retorno à sua terra aumentava:

O mar trazia lembranças tristes e lançava incógnitas. Solidão sobre solidão. Interrogava-se, às vezes, sobre sua capacidade de resistir a um meio que não era mais o seu (RAWET, 1998, p. 28).

Então, diante da solidão e ao concluir que voltar para a sua terra se configuraria em um alívio para este sentimento, já que novamente encontraria “seu mundo”, o velho judeu decide partir, sem ao menos avisar aos seus parentes:

Gritos amontoados deram-lhe a notícia da saída. Olhou o cais. Lentamente a faixa d’água aumentava aos acenos finais. Retesou todas as fibras do corpo. Quando voltassem da estação de águas encontrariam a carta sobre a mesa. E seriam inúteis os protestos, porque tardios. (...). Planos? Não os tinha. Ia apenas em busca da companhia de semelhantes, semelhantes, sim. Talvez do fim. As energias que o gesto exigiu esgotaram-no, e a fraqueza trouxera hesitações. E ante o irremediável os olhos frustrados dilataram-se na ânsia de travar o pranto (RAWET, 1998, p. 30).

Percebe-se que, ao partir, o velho judeu carregava consigo dúvidas e tristeza, porque, como assevera Sayad (2000, p. 14):

Não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo sem que algo permaneça dessa presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências, e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas, e, em outras vezes, se dando conta plenamente dos efeitos. (...) A imigração não ocorre sem deixar marcas, freqüentemente de maneira indelével (...).

Gringuinho é o título de outro conto de Samuel Rawet. Nele verificamos também os dilemas vivenciados por um imigrante devido à dificuldade de adaptação ao Brasil que, neste caso, é uma criança. No conto, escrito em terceira pessoa, o narrador apresenta

os pensamentos de um pequeno imigrante judeu, cujo cerne é o seu sofrimento em decorrência da tentativa de adaptação ao Brasil. Por isso, intercala momentos da vida presente deste menino, principalmente na escola, com as lembranças que o mesmo tem de sua terra natal.

O menino recebeu de seus colegas de escola o apelido de Gringuinho, de forma a delimitar a sua condição de “diferente” dos demais. Portanto, assim como em *O Profeta*, destacam-se no texto as denominações pejorativas, frequentemente recebidas pelos migrantes ao chegar a outro Estado ou país, fazendo deste um *eterno estrangeiro* (SAYAD, 1998, p. 12).

Neste conto mais uma vez Rawet nos convida a refletir acerca da exclusão em função da linguagem vivenciada por aquele que migra, pois não dominar o idioma do país de chegada implica um reforço da sua condição de marginal ou *outsider*, diante da impossibilidade de se comunicar e da dificuldade de interpretar o mundo ao seu redor. Assim, o principal dilema vivenciado por Gringuinho é a dificuldade de se comunicar ao frequentar a escola. Junta-se a este problema o estranhamento que o mesmo tem do local onde passou a morar:

Era-lhe estranha a sala, quase estranhos, apesar dos meses, os companheiros. Os olhos no quadro-negro espremiavam-se como se auxiliassem a audição perturbada pela língua. Autômato copiava nomes e algarismos (a estes compreendia), procurando intuir as frases da professora. (...) A janela lembrava-lhe a rua, onde se sentia melhor. Podia falar pouco. Ouvir, nem provas nem arguições (RAWET, 1998, p. 48).

Ao mesmo tempo em que é estigmatizado por sua condição de imigrante, Gringuinho constrói lembranças e representações acerca da terra da qual emigrou, a qual apresenta os seus lugares favoritos e deixa transparecer as saudades daqueles que lá ficaram:

Antigamente, antes do navio tinha seu grupo. Verão. Encontravam-se na praça e atravessando o campo alcançavam o riacho, onde nus podiam mergulhar sem medo. À chatura das lições do velho barbudo (de mão farta e pesada nos tapas e beliscões) havia o bosque como recompensa. Castanheiras de frutos espinhentos e de larga sombra, colinas onde o corpo podia rolar até a beira do caminho (...). Sentava-se no colo do avô recém-chegado das orações e repetia com entusiasmo o que aprendera. Onde está o avô? Gostava do roçar da barba na nuca que lhe fazia cócegas e dos contos que lhe contava ao dormir (...) (RAWET, 1998, p. 48).

Percebe-se nesta passagem que a memória dos lugares que deixou constitui um refúgio para Gringuinho, de onde emerge uma espécie de valorização da sua terra natal.

Para Sayad, esta memória engaja toda identidade cultural e social da pessoa. Neste sentido, Sayad (2000, p. 12) afirma que:

(...) A nostalgia do lugar tem um grande poder de transfiguração de tudo o que toca e, como o amor, efeitos de encantamento, evidentemente, e mais ainda, efeitos de sacralização e santificação: o país, o solo nacional, a casa dos antepassados, e mais simplesmente a casa natal, cada um desses lugares privilegiados da nostalgia (e pela nostalgia), e em cada um desses lugares, cada um desses pontos de partida que são o objeto de um intenso investimento da memória nostálgica, tornam-se lugares sacralizados, benditos (...).

Deste modo, percebe-se que, por mais demorada que seja a migração e ainda que o retorno não ocorra, o sentimento da volta materializado na nostalgia da terra natal estará sempre atrelado ao migrante. Contudo, este sentimento é permeado por uma nostalgia “tipicamente temporal”, que evoca uma volta não apenas ao espaço físico, mas ao passado “(...) *como se o tempo fosse reversível e pudesse ser percorrido em sentido inverso* (SAYAD, 2000, p. 14).”

Neste sentido, a professora da USP, Ecléa Bosi (1994, p. 54) assevera que (...) *“lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. (...) a lembrança de um fato antigo (...) não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos.”* Não somos os mesmos porque durante a conformação de nossa trajetória vivenciamos uma imensidão de experiências que, por sua vez, dão origem a uma vasta gama de identidades. No conto, o personagem Gringuinho já não era a mesma criança de quando deixara o seu país. Por isso, diante das experiências adquiridas na escola brasileira, em que ao ser castigado pela professora com reguadas nas mãos “(...) *esmurrou-lhe o peito rasgando seu o vestido*”, já possuía outra identidade em que “(...) *nutria o desejo de ser homem* (RAWET, 1998, p. 51).

Considerações finais

A partir da análise dos contos de Samuel Rawet que integram a obra *Contos do Imigrante*, procuramos neste artigo, primeiramente, estabelecer uma reflexão sobre como aspectos relacionados à trajetória do escritor são evidenciados em sua obra. Neste sentido, ao apresentamos a trajetória deste autor, considerado um integrante da chamada “literatura marginal”, observamos como o fato de o mesmo ser um migrante, um *outsider* ou deslocado da literatura dita canônica, de certa forma, interferiu na constituição dos personagens presentes na sua obra. E é justamente esta interferência que nos abre a possibilidade de utilização das representações presentes na obra ficcional para discutir aspectos relacionados à questão da migração.

Assim, por meio dos dois contos que selecionamos, *O Profeta e Gringuinho*, foi possível observar questões presentes nos processos migratórios, em que sublinhamos a barreira da língua, o estranhamento, a constituição de identidades, o desejo de retorno, o papel da memória e também a nostalgia da terra natal. Cabe ressaltar que, para analisar tais questões foi essencial recorrer primeiro ao debate sobre identidade e migração, em que não só abordamos estas temáticas, como debatemos também a questão do “escritor migrante” e da “literatura migrante”.

Neste sentido, nosso ponto de partida foi o de tomar a migração como um deslocamento não apenas entre fronteiras espaciais, mas também entre fronteiras linguísticas e culturais, em que conflitos e constituição de identidades estão em jogo constantemente. Deste modo, o enredo dos contos nos permitiu inferir que migrar significa construir experiências, o que envolve um aprendizado vivenciado pelo estranhamento. Por fim, como resultado, constatamos que se cria um debate rico quando diversas linhas do conhecimento – a geografia, a sociologia, a antropologia etc. – valem-se da literatura para estabelecer o exercício de refletir acerca de uma temática tão complexa como a migração.

Referências

AQUINO, S. L. *A Caminho do Campo: As Relações entre Reforma Agrária e Migrações rural-urbano-rural e urbano-rural*. Um Estudo de Caso em Campos dos Goytacazes – RJ. 2008. 181 fs. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rio de Janeiro, 2008.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRASIL, A. Samuel Rawet, um marco literário. In: _____. *Contos do Imigrante*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

BECKER, O. M. S. O movimento dos trabalhadores sem-terra (MST) como expressão da contra-mobilidade espacial da população. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, 3., 2003. *Anais...* Disponível em: <<http://www.abep.org.br>>. Acesso em: ago. 2005.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CARREIRA, S.G. O escritor migrante e suas sombras. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. 3, n. 12, jan./mar. 2005. Disponível em: <http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduacao/letras/revista/numero12/textoshirley10.html>. Acesso em: ago. 2010.

CHIARELLI, S. T. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. 2005. 157 fs. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro,

2005. Disponível em: <www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0210332_05_pretextual.pdf>. Acesso: jun. 2010.

_____. *Literatura brasileira: de ausências e esquecimentos*. [s/d]. Disponível em: <http://www.pacc.ufrj.br/literatura/arquivo/polemica_ausencias_e_esquecimentos.php>. Acesso em: jul. 2010

COELHO, E.C. *Olhares imigrantes: Literatura judaica no Brasil*. 2008. 116 fls. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <www.bibliotecadigital.ufmg.br/.../disserta_ao_elizabete__ltima_revisao.pdf>. Acesso em: jul. 2010.

CUNHA, J.M.P. *Migração e Urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para a análise*. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 2005.

DELEUZE, G. et. al. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ELIAS, N. et. al. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ENGELLAUM, P. *Samuel Rawet: a alma que sangra*. 2006. 104 fls. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Disponível em: <www.lettras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2006/perolaengellaum_aalma.pdf>. Acesso em: ago. 2010.

EVELYN, S.S. E a festa, onde foi parar? *Rev. Travessia*, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, n. 1, 1988.

FAZITO, D. Dois aspectos fundamentais do retorno: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, GT de Migração 4., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABEP, 2005. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/ST4-1.pdf>. Acesso em: ago. 2007.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: P&A, 1999.

_____. *Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOLLANDA, A. B. *Dicionário da Língua Portuguesa Miniaurélio Eletrônico*. São Paulo: Editora Positivo, 2004.

HOLLANDA, H. B. *Esses Poetas – uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1998.

_____. *Literatura Marginal*. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=638>>. Acesso em: jun. 2010.

JUSTINO, L. S. A literatura marginal e a tradição da literatura: o prefácio -manifesto de Ferréz, Terrorismo literário. *Rev. Gragoatá*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 189-204, 2007. Disponível em: <www.uff.br/revistagragoata/Gragoata23.pdf>. Acesso em: jul. 2010.

_____. Novos estatutos de memória na literatura brasileira contemporânea: os marginais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ABRALIC, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/007/LUCIANO_JUSTINO.pdf>. Acesso em: jul. 2010.

KIRSCHBAUM, S. Emigrantes, Imigrantes: alguns comentários sobre a experiência de exílio nas obras de Stefan Zweig e de Samuel Rawet. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 8., 2002, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ABRALIC, 2002. Disponível em: <hcc.haifa.ac.il/~lajsa/articles/Kirschbaum.rtf>. Acesso em: jun. 2010.

_____. Samuel Rawet - escritor brasileiro. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF THE LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 28., 2009, Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro, 2009. p. 1-13. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/KirschbaumSaul.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2010.

MATOS, C. *Migrações: decisões individuais e estruturas sociais*. Socius Working Papers - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa, 1993. Disponível em: <<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/index.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

OLIVEIRA, N. Os caça-fantasmas. *Jornal de poesia*. Mar. 2005. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/nelsonoliveira6.html>. Acesso em: jun. 2010.

RAWET, S. *Contos do Imigrante*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

REIS, B. *Para além da roda: Literatura Marginal*. set. 2007. Disponível em: <<http://pormaisleitura.blogspot.com/2007/09/para-alm-da-roda-literatura-marginal.html>>. Acesso: jun. 2010.

SAYAD, A. *“Os filhos ilegítimos”*: a Imigração ou os Paradoxos da Alteridade. São Paulo: Edusp, 1998

_____. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, São Paulo, v.13, n. Esp., p.7-32, jan. 2000.

SILVA, F. Q. A literatura marginal (periférica) no contexto contemporâneo. *Rev. Horizonte Científico*, Uberlândia, v.1, n.10, p.1-31, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4247/0>>. Acesso em: jul. 2010.

SOUSA, R. V. H. Escrita migrante e tradução: as línguas de Sergio Kokis. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 8, p. 91-115, 2008. Disponível em: <<http://www.revistabecan.com.br/arquivos/1228242899.pdf>>. Acesso em: ago. 2009.

_____. A escrita migrante de Sérgio Kokis. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUISTICA E FILOLOGIA, 8., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Tradução e Línguas Estrangeiras, 2004. v. 8: p. 20-30. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno06-02.html>>. Acesso em: ago. 2009.

TOURAINÉ, A. *Anais do seminário O retorno do ator*. São Paulo: USP/Fac. de Educação, 1989.

_____. Os movimentos sociais. In: _____. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1999.

WEBER, M. Relações Comunitárias Étnicas. In: _____. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. *Rev. Brasileira de Estudos de População*, p.35-51. jan./jun. 1990.

Artigo recebido em: 04 jan. 2011
Aceito para publicação em: 16 maio 2011

